

O aborto

Luciana tinha 14 anos e desconfiava que estava grávida.

Começou a suspeitar de algo errado depois de dois meses sem menstruar, e de sua vó estranhar os enjôos e perguntar sobre sua virgindade. As pesquisas no Google indicavam que as chances de estar esperando um filho eram grandes. Alguns sites anunciavam a notícia de forma mais feliz, outros de maneira mais temerosa. Mas foi um teste de farmácia, no banheiro da escola com a Ana, que deu 93,7% de certeza.

Quando escutou da Paula, um tempo atrás, que agora que ela menstruava podia engravidar, Luciana entendeu que agora podia transar. Por algum motivo também concluiu que só ia engravidar se transasse quando estivesse menstruada, e ela jamais tinha transado menstruada. Um professor de ciências, numa aula de educação sexual, tinha dito uma vez que a camisinha evitava a gravidez, mas ela nunca tinha entendido porque. Que o sexo podia gerar uma gravidez nunca foi um segredo, mas como ele levava a gravidez era outra coisa.

Ela só tinha metido com dois meninos. Seu primo mais velho e seu namorado, uma semana antes. Como quase tudo que ela sabia sobre gravidez vinha de blogs escritos com técnicas de SEO, e conversas no banheiro feminino, concluiu que namorado deveria ser o pai. Com um filho ele não ia mais querer namorar com ela. Sua mãe nunca mais a deixaria sair de casa. Sua vida estava acabada.

Então decidiu que ia fazer o aborto e que ninguém nunca ia poder saber de nada, só suas melhores amigas Ana e Natália.

As três juntas voltaram para a internet para saber como era um aborto.

Descartaram rapidamente as clínicas que apareceram na primeira página da busca. Luciana era menor de idade e nunca tinha imaginado ter tanto dinheiro. Então descobriram que existia um remédio que provocava o aborto. Depois que ele não era vendido nas farmácias. Em seguida que podiam comprar num grupo do Facebook. Por fim também não teriam como conseguir o dinheiro.

Num segundo momento viram que chás e algumas comidas também provocavam aborto. Mas elas não tinham como fazer o chá, na casa de qualquer uma delas alguém poderia ver. Parecia difícil de conseguir a tal Artemísia-losna e ia ter que tomar durante dias. Depois ia vir muito sangramento. Luciana não conseguiria esconder. Descartaram também.

Na busca desesperada por uma solução imediata chegaram até um site com “dicas do sertão”. Viram que muito antigamente mulheres abortavam enfiando uma agulha de crochê na buceta até expelir o bebê.

Luciana ignorou as advertências do site para que não recorresse aquele método e desatou a chorar. Estava claro para ela que esta era a forma mais fácil de resolver o problema.

Foram pesquisar mais a fundo sobre como proceder. Leram que deveriam cutucar o útero com a ponta da agulha até sentir que ele tinha sido danificado. Viram um vídeo de uma mulher satirizando a situação e imaginaram os movimentos. Tudo parecia fazer muito sentido para elas.

Ana e Natália se mostravam fiéis a amiga. Ajudariam em tudo e choravam copiosamente junto com Luciana. Ela imaginava que ia sair de dentro dela pedaços da criança enquanto ela fazia xixi. Achava que ia doer muito. Estava com muito medo, mas tinha certeza que estava fazendo o que tinha que fazer.

Como se todo mundo já soubesse o que fazer combinaram que Luciana roubaria duas agulhas de crochê de sua avó. Seguindo uma recomendação satírica do vídeo utilizariam óleo de cozinha como lubrificante. Natalia ia pegar na geladeira antes de sair. Todas se

encontrariam na casa de Ana e iriam em uma construção abandonada que ficava no mesmo quarteirão. Foi ela também que lembrou de pegar uma toalha.

As três entraram pelo cercado de madeira quebrado e foram até um quarto no piso de cima. Ninguém falava muito e, agora, ninguém sabia muito o que fazer num quarto escuro. Luciana pegou um pano velho que achou e estendeu na frente da janela, que era por onde entrava a luz. Ela sentou com as costas meio apoiada na parede, abaixou a calça, tirou a calcinha, abriu as pernas e esticou a mão com a agulha de crochê na direção de Natália.

Chorando desesperadamente Natália disse que não tinha coragem. Ana tremia tanto e estava tão nervosa que não conseguia falar.

Um pouco trêmula Luciana passou óleo na agulha de crochê e começou a enfiar na buceta. Ela sentiu a ponta da agulha chegar até o limite do colo do útero. Alguma coisa parecia se remoer dentro do seu estômago e ela apenas deslissava o pedaço pontudo de plástico de um lado para o outro.

Natália estava com as mãos cobrindo a boca e o nariz, soluçando e espalhando desespero com o olhar. Ana estava de costas, sentada e encolhida no chão chorando baixinho. Luciana olhou para cima, respirou fundo e começou a estocar a agulha de crochê com força no meio das pernas. Uma, duas, três e ela largou o objeto e começou a rolar no chão, gemendo desesperadamente, em posição fetal e com as mãos na barriga.

Segundos depois o sangue começou a se espalhar pelo pano sujo que Luciana tinha esticado no chão. Num impulso assustado Natália se levantou e saiu correndo. Ana tirou forças do fundo da alma para sentar ao lado da amiga e segurar sua mão. Luciana chorava, tremia e se contorcia sentindo coisas meio sólidas e gosmentas saírem do meio de suas pernas.

Os minutos que se seguiam eram angustiantes. Nenhuma das duas sabia o que fazer ou o que falar. O fluxo de excrementos foi diminuindo, mas Luciana sentia que a dor ia ficando cada vez mais aguda.

Ambas sabiam que tinham que voltar para casa antes que suas ausências fossem questionadas. Luciana começou a se limpar um pouco com a toalha que Ana lhe ofereceu, mas tinha muito sangue. Quando tentou se levantar percebeu que não conseguia firmar as pernas, e precisou se apoiar em Ana para ir até uma torneira nos fundos para se lavar.

Fazendo um esforço descomunal Luciana chegou em casa e conseguiu tomar um banho. Ela achava normal que continuasse a escorrer um pouco de sangue de um furo de agulha. Colocou dois absorventes e uma toalha de rosto no meio das pernas para evitar o risco de alguma coisa vazar. Pegou no armário do banheiro um paracetamol e tomou para a dor. Depois se trancou no quarto escuro e fingiu que estava dormindo para não ter que falar com seus pais, e para tentar esquecer a dor. Antes de dormir pensou que tanta dor não era normal, e que poderia morrer. Se não morresse faria outro teste de farmácia para saber se o aborto deu certo.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-aborto>